

Sou Mercúrio, Já Fui Água | Noite Andarilha

REGINA CORREIA

Lisboa, Alfabeta Editora, 2012, 80 p. / 82 p.



Sou um animal de margens

Sou Mercúrio, Já Fui Água é o último livro de poesia de Regina Correia, publicado com a chancela da Alfabeta, uma jovem editora literária, criada em 2010 e vocacionada para a divulgação de obras de novos talentos para públicos diversos e de diferentes faixas etárias, tendo o mérito de se empenhar na divulgação tão ampla quanto possível dos livros que dá à estampa e dos respectivos autores. Um dos seus lemas é precisamente «despertar sonhos em todas as idades», privilegiando a proximidade com os autores e destes com os leitores.¹

Conheci pessoalmente a Regina Correia em Hamburgo em 2009, no âmbito de um congresso sobre História no contexto luso-alemão, para o qual fui convidada, organizado conjuntamente pela Universidade de Hamburgo e pelo Centro de História e de Além-Mar (CHAM) da Universidade Nova de Lisboa. Do programa cultural do congresso constava uma sessão de poesia nas duas línguas, organizada e dinamizada por Regina Correia e pela tradutora e filóloga alemã Maralde Meyer-Minnemann. A Regina leu poemas de diversos autores portugueses, desde Camões até poetas da actualidade e Maralde Meyer-Minnemann leu as traduções para a língua alemã que ela própria elaborou daqueles poemas portugueses. Foi uma sessão de leitura, entremeada com fados

¹ Cf. sítio da Alfabeta Editora, URL: <http://www.alphabetum.pt/index.php?go=about> [consultado em Dezembro de 2012].

e canções portuguesas, deveras mágica a todos os títulos! Mais mágica ainda para quem, como eu e muitos dos congressistas então presentes, conhece bem as duas línguas. A excelente *diseur* de poesia que é a Regina articulou-se na perfeição, num contrapontístico diálogo intercultural, com a profunda conhecedora da língua e da cultura portuguesa que é também a famosa tradutora para o alemão de todas as obras de António Lobo Antunes, que muito lhe deverá o enorme sucesso que as suas obras continuam a ter em terras de além-Reno. Meyer-Minnemann costuma dizer que não foi ela que procurou a profissão de tradutora. Esta é que encontrou a ela.

Mutatis, mutandis, não foi a Regina Correia que procurou a poesia. A poesia encontrou-a a ela, uma mulher de uma sensibilidade profunda e rara, uma mulher-amante, uma mulher-mãe, uma mulher-filha, uma mulher que ama também a liberdade, a natureza, os afectos, uma mulher inquieta e insatisfeita na busca incessante de uma felicidade, que pressente ser intangível... E todos estes traços de Regina Correia ressumam de forma muito nítida da sua poesia, uma poesia que eu *grosso modo* classificaria de intimista. No olhar poético desta poetisa há algo de *flâneur* baudelairiano num outro sentido, dado que não se encanta com a multidão das grandes cidades, tendendo até a afastar-se do convívio social em busca de espaços pacificadores de silêncio introspectivo e de convívio com a natureza.

Quem é afinal Regina Correia? É uma mulher do mundo, que conhece como ninguém diversas facetas das culturas africana e europeia, das mais terra a terra às mais sofisticadas! Licenciou-se em Germânicas, tendo leccionado no ensino secundário em Luanda, no Funchal, em Viseu e em Lisboa. Esteve destacada na Direcção Geral do Ensino Secundário e na Universidade Aberta, em Lisboa. Leccionou também Língua e Literatura Portuguesas na Alemanha, designadamente em Estugarda e Hamburgo. Participou em variadíssimos seminários e acções de formação em França, Espanha, Alemanha, Inglaterra, Luxemburgo e Dinamarca, no âmbito do ensino multicultural e intercultural, da integração de minorias, da condição feminina, do desenvolvimento curricular e da didáctica das Línguas Estrangeiras. Dedicou-se à divulgação da Cultura Portuguesa e Lusófona, na cidade de Hamburgo, tendo elaborado, coordenado e apresentado diferentes programas literários e musicais, em colaboração com o Museu de Antropologia e de Etnologia de Hamburgo, do Instituto Camões, da Universidade de Hamburgo, da Casa da Literatura, da Associação Cultural Luso-Hanseática, da Missão Católica Portuguesa e do Consulado-Geral de Portugal em Hamburgo. Colaborou no *Jornal de Letras* com artigos de crítica

literária (1991-1993), fez traduções de natureza pedagógico-didáctica e técnico-científica e ainda literária.²

Regina Correia é autora de três livros: *Os Enteados de Deus* (ficção, 1990), agraciado com o Prémio Revelação da Câmara Municipal do Montijo e APE, *Noite Andarilha*, dada à estampa em 1999 pela Universitária Editora e reeditada em 2012 pela Alfabeta, juntamente com *Fui Mercúrio, Já Fui Água e Uma Borboleta na Cidade* (poesia, 1999).

Os motivos condutores do conjunto de poemas que integra a obra *Noite Andarilha* estão presentes no próprio título: a noite e a errância (geográfica e dos afectos), que decorre do adjectivo «andarilha». José Jorge Letria chamou a este conjunto de poemas «a nocturna perseguição da luz» (Letria, 2012: 11) e, sintomaticamente, a frase que Regina Correia antepôs a esta obra foi o belo verso de Paul Éluard «Esta noite acenderei uma fogueira na neve» («Ce soir je ferai du feu dans la neige»), extraído do poema «Où en étiez-vous?», que integra a colectânea *Cours Naturel* (1938).³

Nas noites de luar, de lua cheia, de *Noite Andarilha* irrompem afectos tão intensos quanto efémeros. A noite é um espaço de sensualidade, de desejo alucinado, de volúpia, de refúgio aturdido, de viagem, de explosão de sentidos primitivos. A noite é um espaço de liberdade, de delírio, «paraíso sem amos» tangendo a eternidade, de «exaltação da vertigem», de utopia.⁴ Na noite, o sujeito poético vivencia o «doce inferno dos sentidos», o «rufar dos tambores», «a mítica aventura da liberdade». É na «longa noite dos abismos oceânicos», «noite vagabunda» e «amadurecida de embriaguez», em que os «astros solitários ousam sugerir ténues fragmentos de eternidade», que o sujeito poético abre o corpo ao sortilégio, se transfigura, «transfigura sua mal-andança e sabiamente repousa», ousa, enfim, sem medo transgredir, «violar os limites». Leia-se, a este propósito, por exemplo, o poema «Nocturno»: «Início / a viagem sem / regresso / para o fundo da / noite / nua e / claríssima / a interminável / noite de vigília. / Acompanham-me / astros solitários que / ousam sugerir / ténues

² Sobre a vida e obra de Regina Correia, vd. o sítio da Alfabeta Editora, URL: <http://www.alphabetum.pt/index.php?go=detalheautor&autor=12> [consultado em Dezembro de 2012].

³ Diga-se a título de curiosidade que há uma excelente versão portuguesa desta conhecida obra, da autoria de António Ramos Rosa e Luiza Neto Jorge (Éluard, 1969). Em 1977 foi publicada uma 2.ª edição bilingue (Éluard, 1977).

⁴ As expressões entre as aspas são extraídas de poemas vários de Regina Correia constantes das obras em apreço.

fragmentos de / eternidade / por entre a névoa e / o silêncio / antiquíssimo / em que o horizonte / ferido / transfigura / sua mal-andança e / sabiamente / repousa.» (Correia, 2012 [*Noite Andarilha*]: 30). O poema «Resgate» é também revelador: «Nesta noite de / estrelas. // Nesta noite de / resgate / a cidade é / um casulo de / raiva exorcizando / seus demónios. // Insubmissa / noite / no como do / grito / primitivo.» (*Ibid.*: 48).

Por outro lado, a noite é para o eu lírico, sempre insatisfeito, sempre inconformado, sempre na busca de uma certa plenitude que, no fundo, sabe ser inatingível, também um espaço de refrigério efémero, de miragem, que, contudo, redonda sempre num «viscoso despertar das tréguas», «sob escombros», em «transe de lírios e de cardos», em «agonia», em «trágico esplendor». A noite é também um «lugar de exílio», de «queda e de ascensão», de «lua de mel e de sangue».

O motivo da noite surge associado ao motivo da viagem, da errância, do vagar, do deambular. Uma errância, um deambular que faz lembrar o do viandante (*Wanderer*) do ciclo de poemas *Viagem de Inverno* (*Winterreise*) do poeta alemão Wilhelm Müller (1794-1827), ao qual os extraordinários *Lieder* de Franz Schubert deram fama. Tal como o *Wanderer*, o sujeito poético que ressuma dos poemas de Regina Correia entrega-se a viagens sem rumo definido, a viagens de incessante procura interior, de autoconhecimento sempre insatisfeito, numa constante busca de serenidade, de paz, de felicidade nunca contudo atingidas. E é precisamente a consciência dessa utopia, a consciência da transitoriedade dos afectos, a consciência obscurecida, difusa e penumbrosa durante a noite, e lúcida durante o dia, que é a principal fonte de sofrimento para o sujeito poético.

Tanto para o *Wanderer* da *Viagem de Inverno* como para o sujeito poético de *Noite Andarilha* não há escapatória possível para a dor que não contenha estilhaços de gelo. Há de facto muitos poemas de Regina Correia que me fazem lembrar alguns os quadros do pintor romântico Caspar David Friedrich (1774-1848), dos quais sobreleva uma mesma atitude contemplativa, reflexiva perante a vida. Fazendo-se eco de uma certa mundividência romântica, o grande paisagista alemão explicitou da seguinte forma a sua concepção de obra de arte:

Die einzig wahre Quelle der Kunst ist unser Herz, die Sprache eines reinen kindlichen Gemüthes. Ein Gebilde so nicht aus diesem Borne entsprungen kann nur Künstelei sein. Jedes echte Kunstwerk wird in geweihter Stunde empfangen und in glücklicher Geboren oft dem Künstler unbewußt aus innerem Drange des Herzens. Schließe dein leibliches Auge, damit du mit dem geistigen Auge

zuerst siehest dein Bild. Dann fördere zutage, was du im Dunkeln gesehen, dass es zurückwirke auf andere von außen nach innen. (*Apud* Eimer, 1999: 35).

[A única verdadeira fonte da arte é o nosso coração, a linguagem de uma alma pueril pura. Uma criação que não brote deste manancial não passa de um maneirismo. Qualquer obra de arte verdadeira é concebida em hora sagrada e nascida em boa hora, brotando amiúde de um ímpeto interior do coração, sem que o artista disso tenha consciência. Fecha teu olho corpóreo para que possas antes ver a tua pintura com o olho do espírito. Traz então para a luz do dia o que viste na escuridão, para que a obra se possa reflectir nos outros de fora para dentro.]

Estou em crer que é precisamente uma atitude muito semelhante a esta a de Regina Correia quando escreve poesia. Na verdade, os seus poemas depurados, enxutos e profundos são também paisagens interiores que mostram, de forma despojada e desassomburada, as feridas, as sequelas de um certo desencanto quase sempre provocado pela consciência da inconstância dos afectos e da efemeridade do amor e da própria vida.

O motivo da viagem, da errância, ressuma de forma particularmente nítida na mariposa do poema «Efêmero»: Liberta / no cimo da alegria / a mariposa. // Foi longa / a noite do seu sono. // Será curto / o seu tempo / assim / formosa. (Correia, 2012 [*Noite Andarilha*]: 19). O sujeito poético identifica-se com a pequena e discreta e leve borboleta que começa a sua vida como lagarta faminta, antes de se transformar num colorido e efêmero ser voador, que se alimenta do néctar das flores e da água. A mariposa serpenteando e borboleteando simboliza uma espécie de efêmera leveza do ser alegre e sem amarras. O eu lírico parece encontrar apenas alívio para o seu sofrimento nas palavras, na poesia. E, na verdade, todos os poemas que constam destas de *Noite Andarilha* e de *Fui Mercúrio, Já Fui Água* são de pendor manifestamente confessional e intimista.

Outro motivo que sobrepõe da poesia de Regina Correia é o motivo da água. A água do rio, a água do mar, a maresia, o sal têm uma conotação tendencialmente euforizante. O sujeito poético empreende incessantemente a viagem através da água na tentativa frustrada de chegar ao ente amado que, sintomaticamente, está na outra margem, para finalmente «morrer de amor aos pés desta baía»... O eu lírico navega assim sempre inquieto como um «navio errante, no mar de tempestades», sem nunca conseguir atingir a «outra margem», onde o ente amado se encontra, passageiro em viagem, «na confluência das águas em que descansa como finíssima teia de aranha a parcela de sonho que os une», não passando de uma miragem, essa «ilha dos afectos interditos».

Leiam-se, a este propósito, os poemas «Miragem», «A Outra Margem», «Sempre» e «Expiação» (Correia, 2012 [*Noite Andarilha*]: 31, 33, 66-67 e 70-71, respectivamente). É precisamente no tratamento que Regina Correia faz deste motivo obsidiante da água nos seus diversos estados, incluindo o mar, que mais se vislumbram ressonâncias da poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. É sintomaticamente um poema de Sophia, intitulado «Dia», que dá o mote à colectânea de poemas que integram *Sou Mercúrio, Já Fui Água*. A noite de *Noite Andarilha* dá agora lugar ao dia! Diz Sophia no conhecido poema: «Mergulho no dia como em mar ou seda / Dia passado comigo e com a casa / Perpassa pelo ar um gesto de asa / Apesar de tanta dor e tanta perda» (Andresen, 2004: 50).

Se o amor vivo, na secreta ilha dos afectos, qual secreto rio de lume na noite, é por assim dizer o tema de *Noite Andarilha*, já os poemas que integram *Sou Mercúrio, Já Fui Água!* remetem para outra fase da vida do sujeito poético, mais marcada pelo sentimento de finitude, de ausência, de desterro, de sofrimento irremediável, de morte e de luto. Atente-se não só no título do poema que dá o nome à colectânea «Sou Mercúrio, já fui água» (Correia, 2012 [*Sou Mercúrio, Já Fui Água*]: 70), mas também nos títulos dos seguintes poemas: «Era já hora de apartar»; «Só ausência», «Por onde me leva esta viagem», «Geometria do luto», «Fadário», «Mapas de saudade», «Regresso aos caminhos do mar» (*ibid.*: 21, 44, 49, 55 e 77, respectivamente).

Ao contrário do que acontece em *Noite Andarilha*, nesta colectânea mais recente, os 40 poemas são datados, abrangendo um período temporal que vai de 1994 a 2008. A autora indica igualmente onde foram escritos: ora em Hamburgo, ora em Lisboa. A cidade de Hamburgo aparece quase sempre associada a uma espécie de exílio sofrido, de peregrinação na busca de um sentido profundo para a vida, em que os dias cinzentos, cobertos de neve (a neve tão presente também nas paisagens de Caspar David Friedrich) contrastam com o fogo dos afectos nocturnos outrora vividos, então ainda sob o signo vital da água e do fogo. Nem o sol de Lisboa, nem a maresia da terra-mãe, que parecem acolher o sujeito poético no seu pacificador regaço, mitigam o sofrimento, a sensação de «abandono desbotado da espera», a solidão.

O eu lírico partilha com Mercúrio, a figura mitológica romana que conduzia as sombras para o Hades, assegurando a transição entre a vida e a morte, essa existência errática, volátil, instável, decorrente da rapidez cansativa dos voos, das viagens... O sujeito poético, agora Mercúrio, considera-se um «animal de margens» (uma clara referência não só a Hamburgo, nas margens do Elba, mas também a Lisboa, na margem ocidental da Europa). A expressão

«animal de margens» remete para um ser na diáspora, um emigrante que, quando regressa, acaba por se sentir também um estranho na sua própria pátria, um sentimento que sobreleva do poema «Sou um animal de margens»: «Sou um animal de margens na / floresta / labiríntica do / entardecer / em cada pedra que me arroja o tempo / na espuma das marés / nos desertos que atravesso. // Há sempre um rio / serpenteando por entre a / difusa luz da fuga e o / alongado torneir de cada / regresso.» (*Ibid.*: 17). Esta composição poética faz lembrar os versos do poema «Dispersão» de Mário Sá Carneiro, também ele um emigrado na grande Paris: «Não sinto o espaço que encerro / Nem as linhas que projeto: / Se me olho a um espelho, erro - / Não me acho no que projeto» (Sá Carneiro, 2001: 34).

Naquela fase da sua vida, o sujeito poético de *Sou Mercúrio, Já Fui Água* tem uma consciência muito mais nítida do carácter utópico da felicidade, da fugacidade dos afectos, da necessidade da despedida, de que os mistérios do amor (agora apenas cativo na memória) são indecifráveis, de que o percurso, a viagem da vida, redundava inexoravelmente em dolorosa solidão. Até na escrita tardia o sujeito poético sente o «corredor da morte», a proximidade da «aventura final». A solidão, a «saude suspensa», onde «os cavalos se espantam no uivo do vento», a morte de amor, a «ilusão de estar vivo nas curvas do medo», as teias de enganos são inesgotáveis fonte de dor na constatação de uma realidade disfórica, a que não é alheia um sentimento e uma consciência de decadência em todos os aspectos, no físico e no do amor. Leiam-se, por exemplo, os poemas «Solidão» (*ibid.*: 34), «Desnuda-se a tarde» (*ibid.*: 36-37) e «Tomam-nos o ar»: «Tomam-nos o / ar / reféns da / terra onde / germina / convulsa / circular / mortalha de / nada. // É de amor que se / morre no / traço / blindado de cada / palavra / seja tardio / grito ou / seco / golpe de espada.» (*ibid.*: 35).

A escrita funciona assim para Regina Correia como uma espécie de espaço de fuga pacificadora, como forma de sublimar a náusea provocada pela solidão (atente-se nas ressonâncias sartrianas), pelo sofrimento, pelo «impiedoso lastro da saudade». Compreendem-se assim os versos de António Ramos Rosa, que Regina Correia colocou, a par do referido poema de Sophia, no início da sua colectânea, em jeito de mote: «Talvez as palavras sejam a única terra / onde nos podemos apoiar / Talvez na sua nudez / o espaço possa começar / Se elas existem / é porque talvez o seu solo seja também o nosso» (Rosa, 2001: 171.). Mais ou menos no mesmo sentido vai o poema «Só a poesia» da poetisa em apreço: «Quando na tarde já for / tarde e a / sombra / apenas luz que se / apagar / só a poesia me / salvará / quando na terra / enfim / se for o / último e / brevíssimo / respirar.» (*Ibid.*: 79).

Se o motivo condutor do mar e o jogo entre os elementos primordiais da natureza (nas dimensões de infinito, vida, recuperação purificadora da infância, de desejo de aventura, descoberta e conhecimento, de eterno movimento da vida e da morte) evocam a obra de Sophia («Mar, metade da minha alma é feita de maresia»), o registo profundamente intimista e confessional da poesia de Regina evoca, entre outras, também a poesia de Florbela Espanca (estou a lembrar-me, por exemplo, do poema «A vida») e de Mário de Sá Carneiro (ocorre-me o poema «Escavação»), na tentativa obsidiante e sempre frustrada de se conhecerem a si mesmos, de encontrarem respostas na natureza, de desvendarem o indesvendável mundo dos afectos, os misteriosos segredos do amor.

Diria contudo que o registo intimista de Regina Correia, como o de Sophia e de Florbela Espanca, é tipicamente feminino. Há quem defenda e quem conteste a existência diferenciada de um eu feminino e de um masculino, dado que a ideia de uma escrita feminina levanta questões sobre o próprio conceito de género. Se há quem afirme que as características masculinas de um texto são reflexo de uma mundividência e de uma atitude tipicamente masculinas, de domínio, patriarcais e portanto de fácil identificação, por outro, há também quem aceite a existência de uma escrita feminina, que surgiria de uma aceitação pacífica por parte da mulher do seu corpo e da sua condição de mãe. Regina Correia dedica sintomaticamente *Sou Mercúrio, Já Fui Água* ao seu filho Bruno. Por outro lado, sente-se que o sujeito poético que sobreleva dos poemas das duas colectâneas é tipicamente feminino: pressente-se uma compreensão, uma generosidade, uma espécie de condescendência muito maternal em relação à ausência do amado, à necessidade de esperar por ele, à fugacidade da sua presença... Há igualmente traços de uma escrita no feminino num certo sentimento, que o eu lírico alude aqui e ali como medo, um receio que parece advir de uma certa repressão cultural sobre a sexualidade, considerada demoníaca, lugar da luxúria e do pecado. Há ainda traços de escrita no feminino numa certa sufocação do sentimento, num certo encarceramento, numa certa necessidade de remeter para as margens códigos considerados socialmente menos aceitáveis para as mulheres, num certo pendor para o devaneio...

Torga dizia amiúde aos seus amigos que quem o quisesse conhecer melhor deveria ler os seus livros. Não é de facto um qualquer texto introdutório sobre a obra de autor que nos leva a conhecê-la. É preciso lê-la devagarinho, ter a mente disponível para a saborear. Consciente de que a poesia pode constituir de facto um extraordinário refrigério para este tempo desvairado de crise e de triunfalismo dos mercados em que vivemos, termino estas notas despretensiosas e soltas, restituindo de novo a palavra a Regina Correia: «Sou Mercúrio, Já Fui

Água»: «Sou mercúrio / já fui água / pássaro / alegre canto. // Já fui rio / sou prisão / um muro além do pranto. // Já fui asa de seda / na geografia solar / animal da alvorada / cavalo de fogo / condor. // Sou rochedo sepultado em / estepes de nenhum ar / fantasma do desassossego / labiríntica morada / estertor. // Já fui seara / roseira / já fui centelha primeira na / poeira estelar // Ó terra! Ó ar! Ó fúria do esquecimento! / Ó sinfonia da desordem! // Ó rumor de pétalas / perdidas no abismo do momento. // Tecei-me um manto de ausência / antes que os corvos acordem.» (*Ibid.*: 70-71).

Ana Maria Pinhão Ramalheira

Texto de apresentação da obra, na FNAC, em Coimbra,
a 15 de Setembro de 2012

Bibliografia

- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (2004), *O Nome das Coisas*, Lisboa, Caminho.
- CORREIA, Regina (1999), *Uma Borboleta na Cidade*, Lisboa, Universitária Editora.
- (1990), *Os Enteados de Deus*, Lisboa, Universitária Editora.
- (2012), *Sou Mercúrio, Já Fui Água | Noite Andarilha*, Lisboa, Alfabeta Editora.
- EIMER, Gerhard (Bearb.) (1999), *Caspar David Friedrich. Kritische Edition der Schriften des Künstlers und seiner Zeitzeugen I. „Äußerungen bei Betrachtung einer Sammlung von Gemälden von größtenteils noch lebenden und unlängst verstorbenen Künstlern“ (Frankfurter Fundamente der Kunstgeschichte, Bd. XVI)*, Frankfurt am Main, Kunstgeschichtliches Institut der Universität Frankfurt.
- ÉLUARD, Paul (1969), *Algumas das Palavras*. Organização, prefácio de António Ramos Rosa e Luísa Neto Jorge, Lisboa, Dom Quixote (vol. 6 de *Cadernos de Poesia*).
- (1977), *Algumas das Palavras*. Edição bilingue. Antologia organizada e prefaciada por António Ramos Rosa, Lisboa, Dom Quixote.
- LETRIA, José Jorge (2012), «Regina Correia: A nocturna perseguição da luz», in: CORREIA, Regina, *Noite Andarilha*, Lisboa, Alfabeta Editora, 2012, p. 11-14.
- ROSA, António Ramos (2001), *As Palavras*, Porto, Campo das Letras (Coleção Campo da Poesia, 32).
- SÁ CARNEIRO, Mário (2001), *Poemas Completos*, Edição de Fernando Cabral Martins, Lisboa, Assírio & Alvim.